



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6401 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

PEDAGOGIA GRIÔ, DECOLONIALIDADE E SUAS INTERFACES COM OS MODOS DE SER PROFESSOR EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS: (DES) COLONIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE

Luciana de Araújo Pereira - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PEDAGOGIA GRIÔ, DECOLONIALIDADE E SUAS INTERFACES COM OS MODOS DE SER PROFESSOR EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS: (DES) COLONIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo é um desdobramento da pesquisa da Pesquisa *Profissão Docente na Educação Básica da Bahia*[1], desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. A pesquisa em andamento intitulada: *Pedagogia Griô, decolonialidade e suas interfaces com os modos de ser professor em comunidades quilombolas: (des) colonização da profissão docente* se propõe a compreender os fundamentos epistêmico-políticos da Pedagogia Griô e suas interfaces com os modos de ser professor nas comunidades quilombolas Remanso/BA e Iuna/BA, situadas na zona rural de Lençóis/BA, na Chapada Diamantina, e é norteada pelas seguintes questões investigativas: quais os fundamentos epistêmico-políticos da Pedagogia Griô e suas interfaces com as Teorias Decoloniais? Como os professores que atuam nas Comunidades Quilombolas de Remanso e Iuna vivenciam a Pedagogia Griô nos modos de ser professor?

Este estudo também busca caracterizar a Pedagogia Griô e suas relações com as teorias decoloniais; analisar os fundamentos da Pedagogia Griô e suas relações com os modos de ser, fazer e conhecer do professor nas comunidades quilombolas e analisar os modos de

ser, fazer e conhecer dos professores que atuam com a Pedagogia Griô nas Comunidades Quilombolas de Remanso-BA e Iuna-BA.

2 ARCABOUÇO DA PESQUISA: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

A presente pesquisa está estruturada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, '*Caminhos iniciais percorridos*', considerando a perspectiva teórico-metodológica que nutre o trabalho, qual seja a abordagem (auto)biográfica, apresento elementos de meu percurso de vida e da minha formação destacando minha relação com o tema proposto. Assim, inicialmente, narro o percurso que me levou a tomar Pedagogia Griô e as interfaces com os modos de ser professor em comunidades quilombolas como objeto de estudo deste trabalho acadêmico, a partir da minha trajetória acadêmica no mestrado e a minha aproximação com a realidade que envolve o *locus* desta pesquisa; da minha inserção em dois grupos de pesquisa e da minha participação no projeto de pesquisa *Profissão docente na Educação Básica da Bahia*. Neste capítulo, apresento também alguns achados sobre a Pedagogia Griô e decolonialidade como resultado de um estado da arte realizado a cerca destas categorias.

No capítulo segundo intitulado, '*Trilha metodológica*', apresento a abordagem (auto) biográfica alinhada a uma perspectiva decolonial enquanto perspectiva metodológica no contexto quilombola. Busco, também, contextualizar a pesquisa de campo, apresentando o desenho metodológico da investigação, situando o método, os dispositivos de pesquisa e análise de dados, os colaboradores da pesquisa. Início-o, situando epistemologicamente o método (auto)biográfico destacando as suas contribuições para a pesquisa ao atribuir ao sujeito, à experiência e à memória um novo estatuto epistemológico e suas aproximações com a perspectiva decolonial.

O capítulo terceiro, '*Pedagogia Griô: um viés para a educação decolonial*', aborda o panorama histórico que envolve o processo reivindicatório por parte dos movimentos sociais antirracistas pela promoção de políticas públicas contra as desigualdades raciais. Em seguida, destaca a Pedagogia Griô enquanto viés para uma educação com ênfase nas relações étnicoraciais, que nasce no contexto que envolve as reivindicações dos movimentos sociais (Movimento Negro, Movimento Quilombola e outros movimentos antirracistas) em conjunto com a deliberação de políticas públicas voltadas para a Educação Escolar Quilombola enquanto modalidade da Educação Básica e a vivência como um princípio do processo formativo da Pedagogia Griô.

Na sequência, o quarto capítulo '*Educação e pedagogia decolonial como ferramentas de combate à opressão produzida pela racionalidade monocultural*', aborda o pensamento decolonial como um pensamento pela superação da face obscura da modernidade; a Educação decolonial enquanto proposta decolonizadora do ser, do saber e do poder e é finalizado com a apresentação de uma análise acerca do seguinte questionamento: pedagogias insurgentes, docência decolonial?

Teoricamente, o trabalho está alicerçado em estudos que abordam categorias relacionadas à Pedagogia Griô, apresentada nos estudos de Pacheco (2006,2008, 2009,2010); Barzano (2013) e à decolonialidade, referenciada nas discussões empreendidas por Mignolo (2003); Quijano (2005); Maldonado Torres (2007) e Ballestrin (2013). Sobre educação e

pedagogia decolonial os estudos de Walsh (2012) irão potencializar as discussões, as análises e as reflexões apresentadas na tese.

Metodologicamente, o estudo ancora-se, enquanto base epistemológica, na perspectiva qualitativa de pesquisa e, sendo assim, a opção teórico-metodológica para o desenvolvimento deste estudo incidiu sobre a abordagem (auto) biográfica aliada à perspectiva decolonial. Estas duas teorias dialogam por considerarem singularidade, processo, tomada de consciência, corporificação e experiência de vida como palavras-chave, ou seja, tanto a (auto)biografia quanto a decolonialidade buscam perceber a singularidade do sujeito. Portanto, pensar os modos de ser professor em contexto quilombola pelo viés destas duas teorias requer enxergar o sujeito docente de forma diferenciada, como um ser único que tem suas peculiaridades e que suas experiências anteriores (e sua vida em um sentido pleno) também são únicas.

A partir de ambas as teorias é possível compreender que, para que a constituição de um modo de ser professor aliado a uma proposta que se aproxime de uma pedagogia decolonial, é necessária a tomada de consciência do sujeito docente. No caso da autobiografia, trata-se de uma consciência por parte do sujeito no que diz respeito ao que a vida lhe ensinou, de como vem se formando, de como suas vivências são formativas. E, para a decolonialidade, é uma consciência crítica em relação à sua vida e à sociedade que envolvem questões como racismo, machismo, etc. Uma consciência crítica acerca dessas questões possibilita o repensar da lógica do colonialidade do poder, ou seja, repensar a lógica capitalista, hétero patriarcal e racial que é quem determina a constituição da sociedade.

Para recolha das narrativas dos docentes colaboradores desta pesquisa foram propostas a entrevista narrativa e rodas de conversa (auto)biográfica, inspirada no ateliê (auto)biográfico. Dois eixos de análises mobilizam o presente estudo, tendo como centralidade as narrativas dos docentes participantes: os modos de ser professor nas comunidades quilombolas e as aproximações/distanciamentos desses modos de ser professor com a Pedagogia Griô, uma pedagogia que se alinha ao que propõe a pedagogia decolonial.

Os dados produzidos estão sendo analisados a partir da abordagem compreensiva-interpretativa de Paul Ricoeur (2009). Trata-se de uma perspectiva de análise, segundo Souza (2014, p 43), busca apreender regularidades e irregularidades das narrativas orais e escritas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa e da formação, considerando, nesse processo, “a singularidade das histórias e das experiências existentes nas narrativas individuais e coletivas”. A pesquisa encontra-se em fase de análise dos dados produzidos e ampliação teórica, a partir das categorias que emergiram no desenvolvimento da pesquisa de campo.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Considerando os preceitos e ideais que constituem a proposta de educação no âmbito da perspectiva decolonial, a Pedagogia Griô, de acordo com Pacheco (2016, p.66), “é uma pedagogia embasada teórica e metodologicamente pelos saberes de tradição oral, pela arte e estética das tradições, pela Educação Dialógica de Paulo Freire, pela Educação para as Relações Étnico- Raciais e Africanidades e pela Educação Biocêntrica” e apresenta os seguintes princípios:

1. Reconhecimento dos saberes, fazeres de tradição oral como estruturante para a afirmação e fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro.

II. Valorização da diversidade étnico-cultural, identidade e ancestralidade do povo brasileiro através da efetivação de suas referências teórico-metodológicas e de marcos legais na área da educação e cultura.

III. Empoderamento da sociedade civil organizada no papel de mediadora do diálogo entre conteúdos e práticas pedagógicas da educação pública formal com os saberes, fazeres e práticas pedagógicas da tradição oral da comunidade;

IV. Fortalecimento da capacidade de auto-organização e de inclusão social da comunidade através da criação de espaços de gestão compartilhada e de redes sociais de base, afetivas e culturais, de transmissão oral;

V. Reconhecimento dos saberes e fazeres e do lugar sócio cultural, político e econômico dos (as) griôs, mestres e mestras de tradição oral na educação, por parte de sua própria comunidade de pertencimento;

VI. Necessidade de priorizar um sistema diferenciado de repasse financeiro público de forma simples, direta, transparente e descentralizada para os(as) griôs, mestres e mestras, e griôs aprendizes, que reconheça a especificidade e singularidade do universo da tradição oral. (PACHECO, 2016, p. 68)

Assim, apresenta-se como uma pedagogia aliada da perspectiva decolonial por propor a consideração e a utilização dos conhecimentos tradicionais, ancestrais e culturais das comunidades quilombolas e com isso, parte da ecologia de saberes e possibilita a visibilização de saberes específicos de grupos subalternizados como os quilombolas; questionar e transgredir elementos da configuração modernidade/colonialidade (o universal e o global perdem a centralidade e dividem a importância com o local e o particular); por validar não apenas o conhecimento científico, mas também os demais conhecimentos tradicionais; por promover o acolhimento e o direito à diferença ao não considerar os sujeitos de uma comunidade quilombola como sujeitos fora do padrão estabelecido; por se tratar de uma pedagogia cujos princípios sugere a construção de uma sociedade outra, em que as escolas de educação básica representam espaços fundamentais nessa construção por atuarem na transgressão da colonialidade do saber, do poder e do ser.

A Pedagogia Griô também se apresenta como uma pedagogia aliada da perspectiva decolonial por ser idealizada a partir e para as reais necessidades de grupos marginalizados no intuito de garantir que toda diferença possa dialogar nos mesmos espaços com igualdade e garantir que a educação nos espaços em que habitam esses grupos seja efetivada e promova cada vez mais transgressões nos currículos escolares, ao invés de manter a proposta de um desenvolvimento unilinear e unidirecional cuja epistemologia consiste em definir/ separar/ invisibilizar sujeitos e conhecimentos a partir de um processo de hierarquização racial.

Outro aspecto que possibilita considerar a Pedagogia Griô como uma pedagogia que se aproxima de uma pedagogia decolonial é o fato de dialogar com a Lei 10.639/03 e todas as reivindicações de que ela trata. Tal Lei é um instrumento inspirador de outras ideologias, metodologias e epistemologias, pois com ela é possível desenvolver uma pedagogia

decolonial, promovendo uma descolonização dos currículos, afinal o seu surgimento já é um acontecimento decolonial, visto que ela foi fruto de reivindicações históricas de militantes do Movimento Negro, de forma que seus documentos propõem uma subversão às tradições curriculares, que na maioria das vezes constroem um lugar de conversa único, ancorado na ideia de que o conhecimento científico marcadamente eurocêntrico dará conta de todas as questões presentes numa escola, que ainda é reprodutora das discriminações étnicoraciais. Dessa forma, pode-se concluir que os referenciais presentes na legislação possibilitam a pedagogia decolonial, na medida em que expõem a colonialidade do poder, do saber e do ser, possibilitando a mobilização em torno das questões ocultas do racismo presente nas práticas sociais e educacionais no nosso país (OLIVEIRA; CANDAU, 2010).

A docência nas comunidades Remanso/BA e Iuna/BA é construída a partir de um misto de sensações entre o ideal e o real. Isto porque o professor revela através de sua narrativa a consciência de que o ideal é uma docência que possa trazer (unir) para sua prática, conforme proposto pela Pedagogia Griô, os saberes da comunidade. Contudo, por ser um ser colonizado (colonialidade do ser), que atua em um espaço também colonizado, a sua prática acaba forjada pelas amarras de uma epistemologia que deslegitima outras formas de conhecimentos (colonialidade do saber e do poder).

As narrativas dos docentes colaboradores desta pesquisa evidenciam também uma docência que tem consciência da necessidade e da importância de uma pedagogia que transforme o sistema educativo vigente na comunidade como a Pedagogia Griô, evidenciando, assim, uma insurgência no que diz respeito ao processo de ensino fincado na transmissão de saberes, em uma epistemologia eurocêntrica.

No que diz respeito às aproximações/distanciamentos dos modos de ser professor aos princípios da Pedagogia Griô, pode-se perceber que um dos elementos da Pedagogia Griô trazido para a prática pedagógica dos docentes colaboradores deste estudo foi a roda de vivências que, naquele ambiente escolar, parece ser o único momento libertador, insurgente observado na prática docente e depois ele retorna a mesma estrutura de ensino que deve ser ofertado sem uma perspectiva de algo neste processo de ensino que faça valer a ideia de uma pedagogia que leve em conta a vivência dos alunos em diálogo com as vivências do ser docente promovendo, assim, um diálogo intergeracional, como a Pedagogia Griô propõe.

Diante do exposto, o movimento inicial de análise dos dados permite inferir que a Pedagogia Griô se apresenta no cenário da educação como uma pedagogia que se alinha à perspectiva decolonial, mas é afetada pela matriz da racionalidade moderna que, por sua vez, reflete no fazer docente caracterizando a docência nos espaços quilombolas como uma docência não decolonial, o que implica na não efetivação da Pedagogia Griô, uma vez que não conseguem criar um ambiente que possibilite a implementação de uma perspectiva que envolva o giro epistêmico decolonial em sua práxis. Nessas comunidades, o docentes, mesmo inseridos em um processo de formação que envolve uma pedagogia que se aproxima do que propõe a pedagogia decolonial, uma proposta que, em tese, deveria formar sujeitos insurgentes, a docência ainda não se apresenta decolonial por se tratar de sujeitos colonizados, em espaço colonizados.

4 CONCLUSÃO

As narrativas dos docentes sobre suas experiências de vida, formação e profissão e sobre suas experiências no cotidiano das escolas municipais das comunidades quilombolas em estudo, vivenciadas em seu contexto sociocultural, indicam importantes possibilidades para o reconhecimento de que só é possível a efetivação da Pedagogia Griô relacionada à

pedagogia decolonial se os modos de ser professor naquele espaço estiverem ancorados na singularidade dos sujeitos da comunidade e suas experiências de vida. Na prática, a efetivação da Pedagogia Griô não se caracteriza como decolonial por que não é vivida de forma decolonial.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 11, p. 89-117, 2013.

BARZANO, Marco Antônio Leandro. **Griô: dobras e avessos de uma ONG-Pedagogia-Ponto de Cultura**. Feira de Santana, UEFS Editora, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser, contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GOMEZ, Santiago; GOSFROGUEL, Ramón (Comp). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre, 2007. P. 127-167.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Descolonización y el giro des-colonial. *Tabula Rasa*, n. 9, p. 61-72, 2008.

MIGNOLO, Walter. *Historias, locales/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal. 2003.

NÓVOA, António; Finger, Mathias. (Org.) **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CEAP, 1988, p. 63-77.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão *Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil*. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 jul. 2020.

PACHECO, Líllian. **Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PACHECO, Lillian. Lei Griô: a vez e a voz da cultura popular. **Revista Presente**. Ano 16, p.57. Editora Loyola, São Paulo. 2008. ISSN 1808-0669

PACHECO, Lillian. **Nação Griô. O Parto Mítico da Identidade do Povo Brasileiro**. Org. Lillian Pacheco e Márcio Caires. Grãos de Luz e Griô. Lençóis, Bahia. 2009.

PACHECO, Lillian; SANTINI, Alexandre. **Grãos de Luz e ação Griô: articulação, formação, patrimônio, identidade, as tradições da oralidade na cultura brasileira**. Almanaque Cultura viva, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Tradução de Júlio César Casarin Barroso Silva. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto) biografia: formação, territórios e saberes. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, E. C. de S. (Orgs.). **(Auto) biografia: formação, territórios e saberes**. Prefácio Gaston Pineau. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008a.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2012.

[1] Pesquisa que apresenta como objetivo cartografar a profissão docente na Educação Básica do Estado da Bahia, a partir de mapeamento dos sujeitos, espaços (campo e cidade), práticas pedagógicas, formação e condições do trabalho dos professores das escolas públicas baianas, com a finalidade de organizar um banco de dados permanentes sobre a docência baiana.